





Uma História de Alexandre Vogler, Botika,
Guga Ferraz e Paulo Tiefenthaler

APLIQUE DE CARNE

Escrito por Botika
Ilustrado por Alexandre Vogler



PRÊMIO FUNARTE
DE ARTE CONTEMPORÂNEA
2012
Galpão 5 - Funarte MG

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



Foi na beirinha do Rio Amazonas, envolta pela placenta de minha mãe, que decidi me mudar dali. No finzinho de uma tarde amena, quando minha mãe descascava mandioca, com os pés sendo banhados pela corrente doce daquela água viva, senti um calafrio de arrepiar os pelos que não tinha ainda. O desejo de abandonar mamãe me tomou de um jeito insaciável.

Além de meus instintos aflorados, senti também um chamado forte exterior, como se um imã quisesse me chupar daquela barriga. Algo lá fora se mexia estranhamente, roçando a pele de mamãe. Novas temperaturas me envolviam. O exterior me parecia mais aconchegante e acolhedor.

Um, dois, três e já!! Não hesitei e parti daquela bolsa, contraindo meus musculuzinhos embrionários para escapulir dali, mergulhando na água, ávida pelo mundo lá fora. Para minha surpresa e alegria, me deparei, envolta pelo rio, com um mutirão de vitórias-régias e um cardume de Arraias.

Não titubeei. Tive certeza que pertencia àquela turma de vitórias-régias. Porém, antes de seguir a corrente ao lado de minhas novas amigas, senti a fluorescência das charmosas arraias piscando com intensidade logo ao meu lado. Uma Arraia de tamanho colossal me abraçou, me causando até um certo medo, confesso. Seu corpo gelatinoso

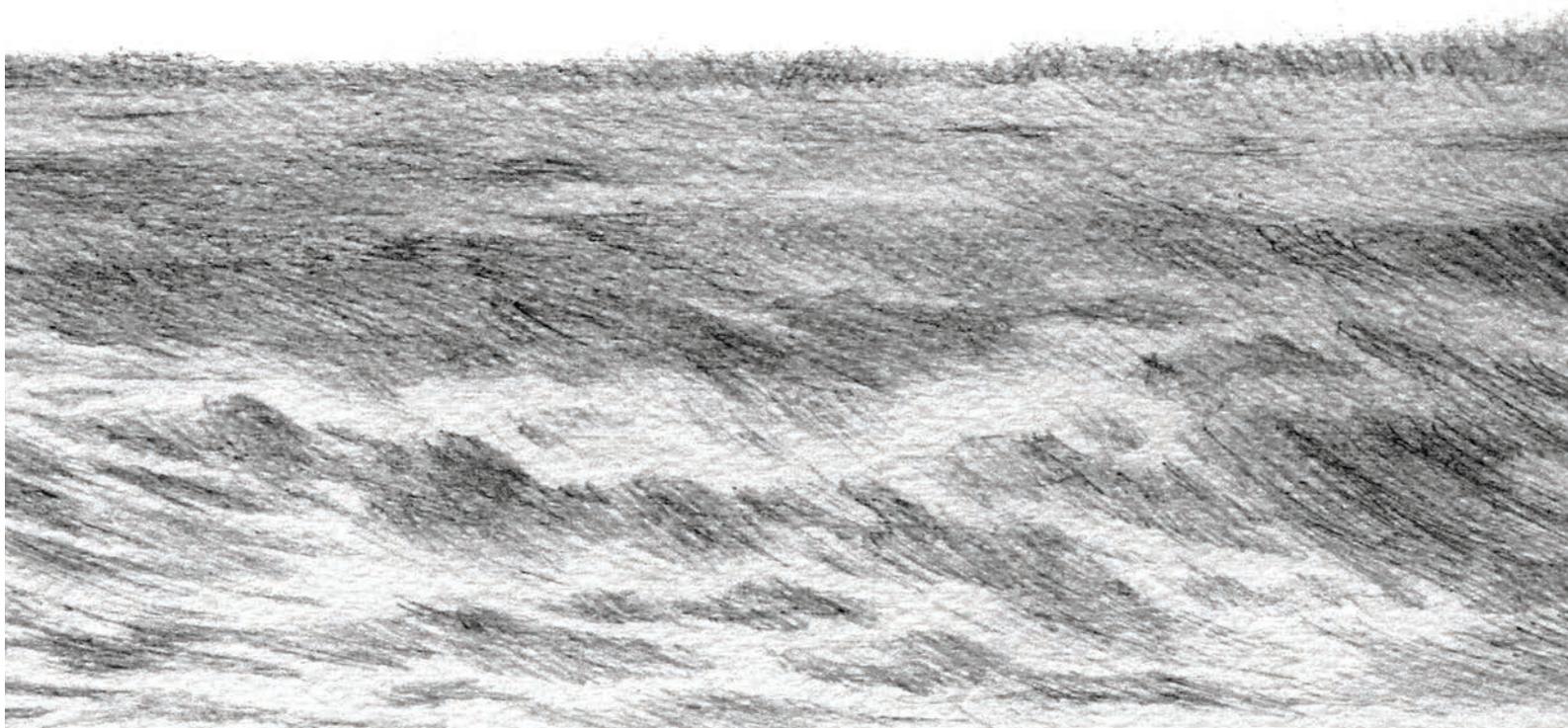


me cercava completamente. Senti cócegas no meu umbigo: era a língua da arraia que se conectava a mim, a fim de terminar minha gestação. Já mamãe não acreditou quando me viu fugindo feito peixe pra dentro d'água. Primeiro berrou, depois chorou. Senti minha perda. Mas logo em seguida, matutando madura sobre o acontecimento, senti orgulho e alegria. Entendeu o que significava a própria filha. Entendeu tudo o que estava acontecendo. E eu fui, precoce, sem esperar o fim da gestação, em direção ao desconhecido, guiada pela extrema curiosidade.

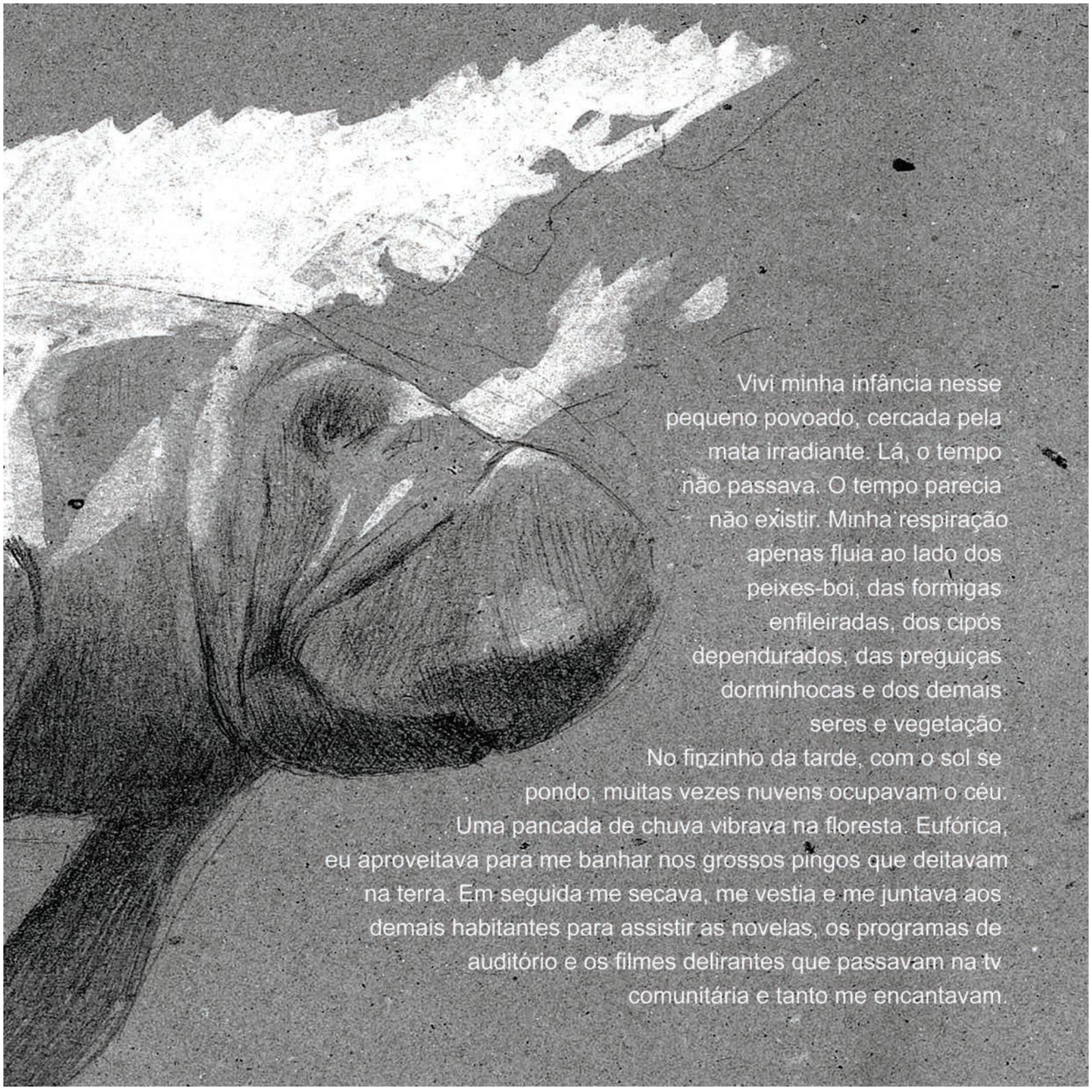
Escorri rio adentro durante um mês, até estar completamente gestada. Quando avistei uma pequena população ribeirinha, cercada por areia e mangue em suas bordas, notei que eu já estava solta e independente. Meu parto realmente chegara ao fim. Bati meus pezinhos feito pé de pato, para chegar em meu novo lar, distante apenas poucos metros de mim. Eu, bebê, acabei acolhida por um casal japonês que ali havia decidido habitar e cultivar pomposos morangos silvestres, bananas nanicas e cerejas bicolores, me adotando com imenso carinho e afeto.

Cresci achando ser filha deles.

Foi lá que descobri a televisão.



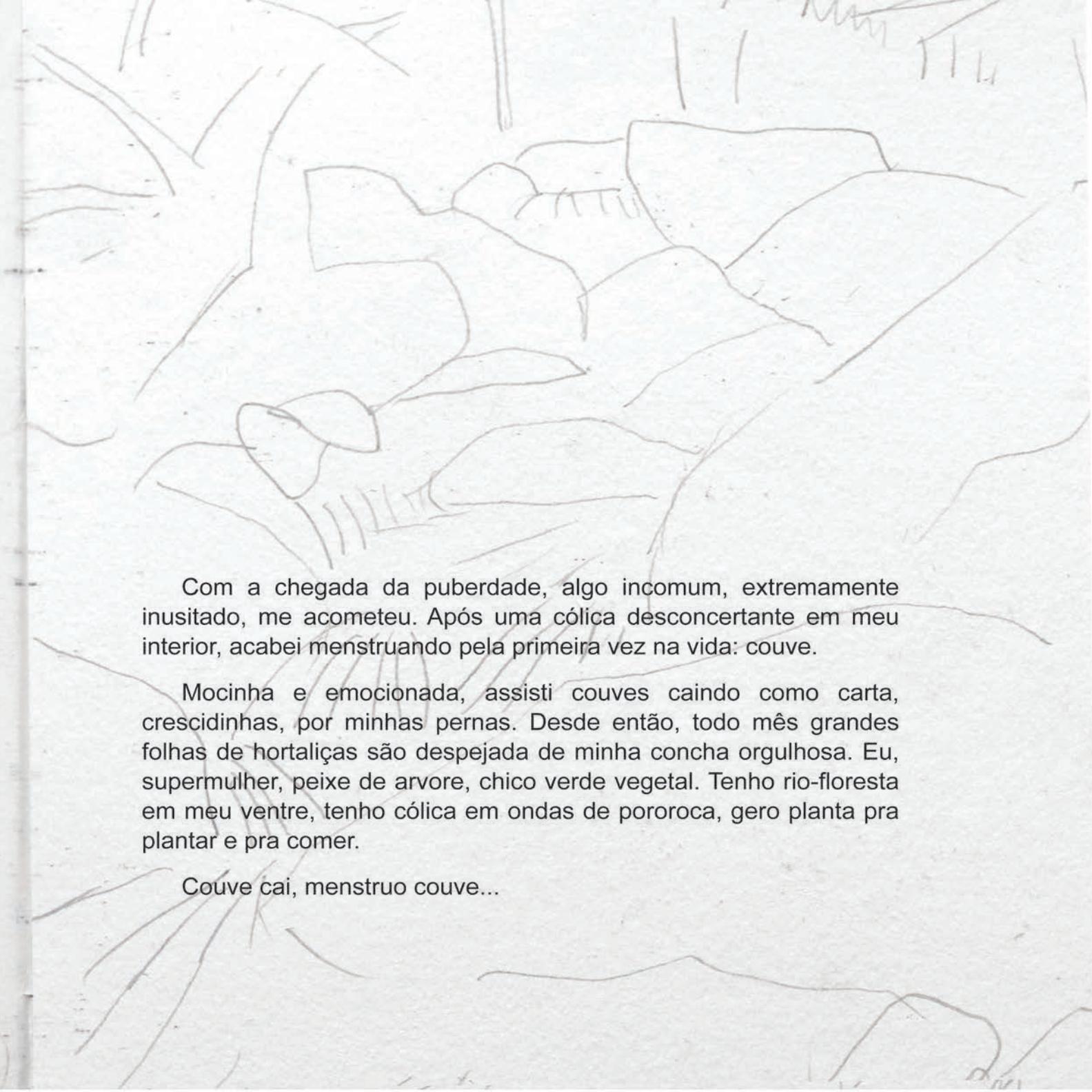




Vivi minha infância nesse
pequeno povoado, cercada pela
mata irradiante. Lá, o tempo
não passava. O tempo parecia
não existir. Minha respiração
apenas fluía ao lado dos
peixes-boi, das formigas
enfileiradas, dos cipós
dependurados, das preguiças
dorminhocas e dos demais
seres e vegetação.

No finzinho da tarde, com o sol se
pondo, muitas vezes nuvens ocupavam o céu.
Uma pancada de chuva vibrava na floresta. Eufórica,
eu aproveitava para me banhar nos grossos pingos que deitavam
na terra. Em seguida me secava, me vestia e me juntava aos
demais habitantes para assistir as novelas, os programas de
auditório e os filmes delirantes que passavam na tv
comunitária e tanto me encantavam.





Com a chegada da puberdade, algo incomum, extremamente inusitado, me acometeu. Após uma cólica desconcertante em meu interior, acabei menstruando pela primeira vez na vida: couve.

Mocinha e emocionada, assisti couves caindo como carta, crescidinhas, por minhas pernas. Desde então, todo mês grandes folhas de hortaliças são despejada de minha concha orgulhosa. Eu, supermulher, peixe de arvore, chico verde vegetal. Tenho rio-floresta em meu ventre, tenho cólica em ondas de pororoca, gero planta pra plantar e pra comer.

Couve cai, menstruo couve...



O silêncio que fazia de noite, cantava. Era repleto de sons e barulhinhos que me faziam dormir angelicalmente. Era como se eu fosse um bicho daqueles, compondo discretamente uma sinfonia noturna.

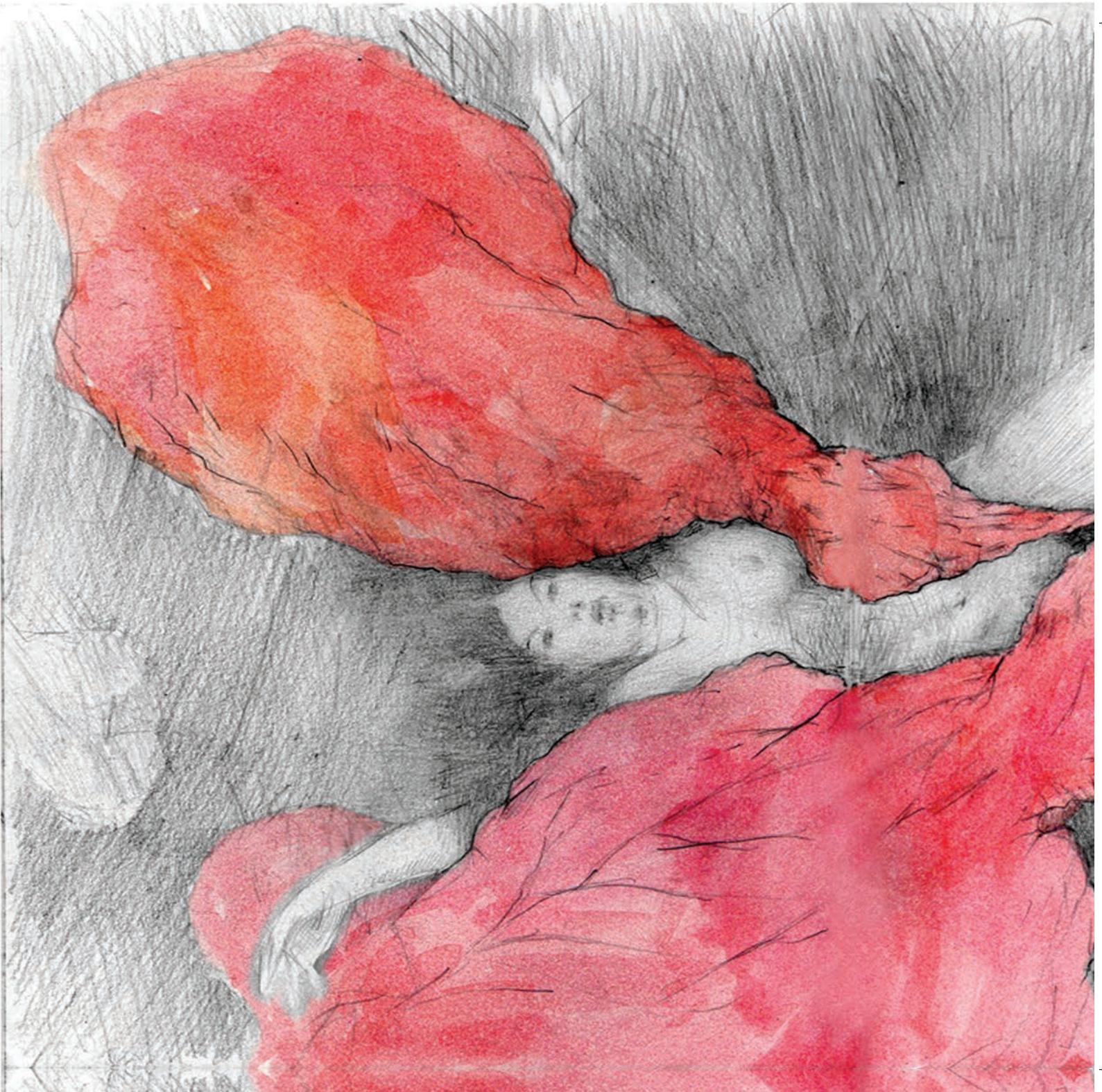
Mergulhada num cochilo profundo, no meio da madrugada, me deparei com intensa visão. Uma enorme arraia, translúcida e gelatinosa, surgiu na escuridão. Não era uma arraia qualquer. Nós duas tínhamos um vínculo poderoso. Muito emocionada, descobri que eu era filha de arraia. Um sentimento profundo se apoderou de mim. A revelação, tocante, me deixou faminta. Algo inexplicável acontecia. Acabei comendo, mastigando pedacinho por pedacinho da minha mãe arraia. Eu a queria comigo, bem pertinho, dentro de mim.

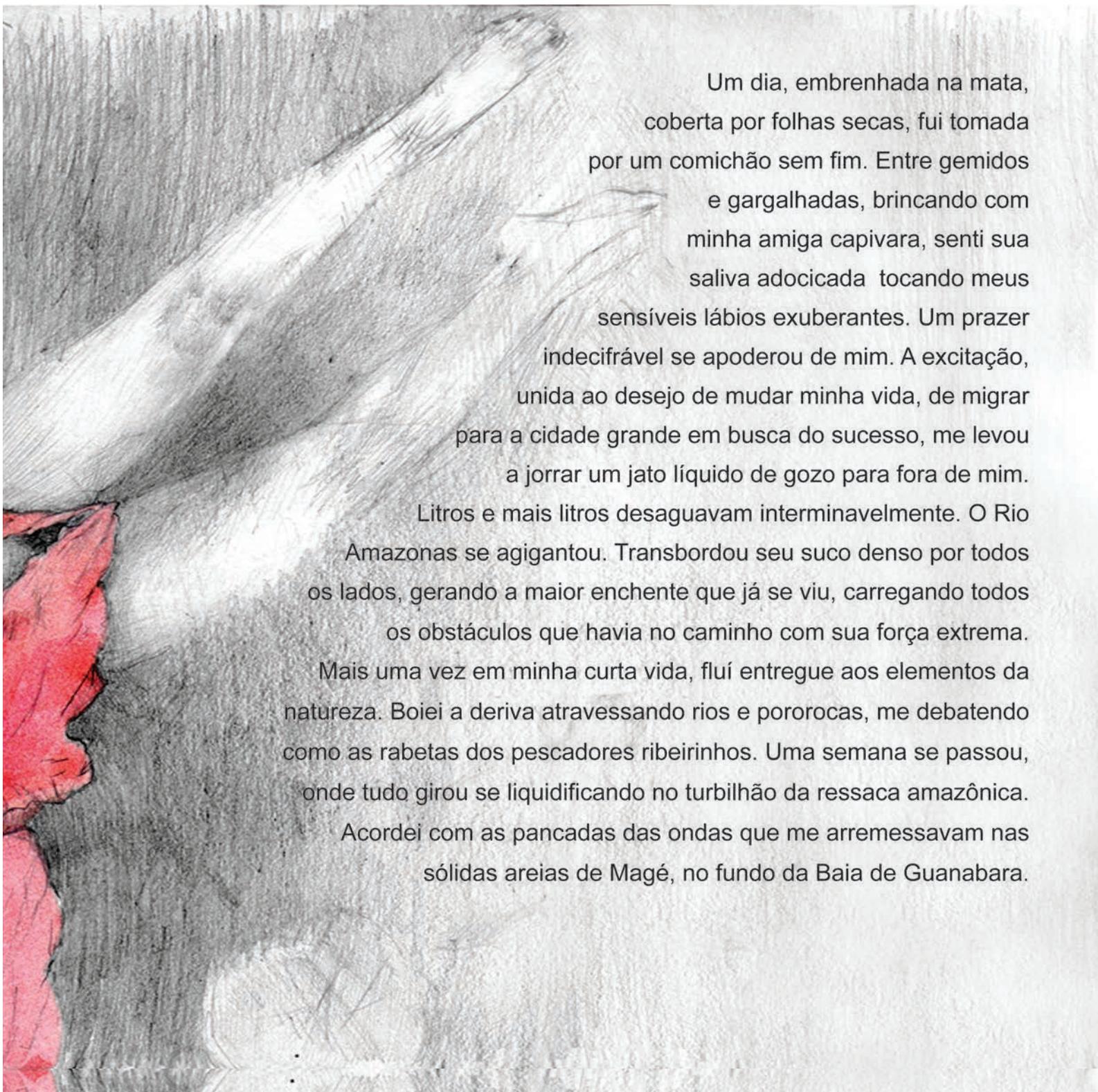
No dia seguinte acordei de manhã cedo me sentindo diferente. Olhei para mim mesma. Grandes lábios escorriam entre minhas pernas. Uma extensa continuidade de meu corpo aflorava, surgindo de dentro de mim.

Não era fácil me adaptar àquela nova forma. Ao caminhar, tropeçava em mim mesma, quando não pisava em meus gigantescos grandes lábios, sentindo uma dor estúpida e latente naquela superfície repleta de nervos, sensível e úmida.









Um dia, embrenhada na mata, coberta por folhas secas, fui tomada por um comichão sem fim. Entre gemidos e gargalhadas, brincando com minha amiga capivara, senti sua saliva adocicada tocando meus sensíveis lábios exuberantes. Um prazer indecifrável se apoderou de mim. A excitação, unida ao desejo de mudar minha vida, de migrar para a cidade grande em busca do sucesso, me levou a jorrar um jato líquido de gozo para fora de mim.

Litros e mais litros desaguavam interminavelmente. O Rio Amazonas se agigantou. Transbordou seu suco denso por todos os lados, gerando a maior enchente que já se viu, carregando todos os obstáculos que havia no caminho com sua força extrema.

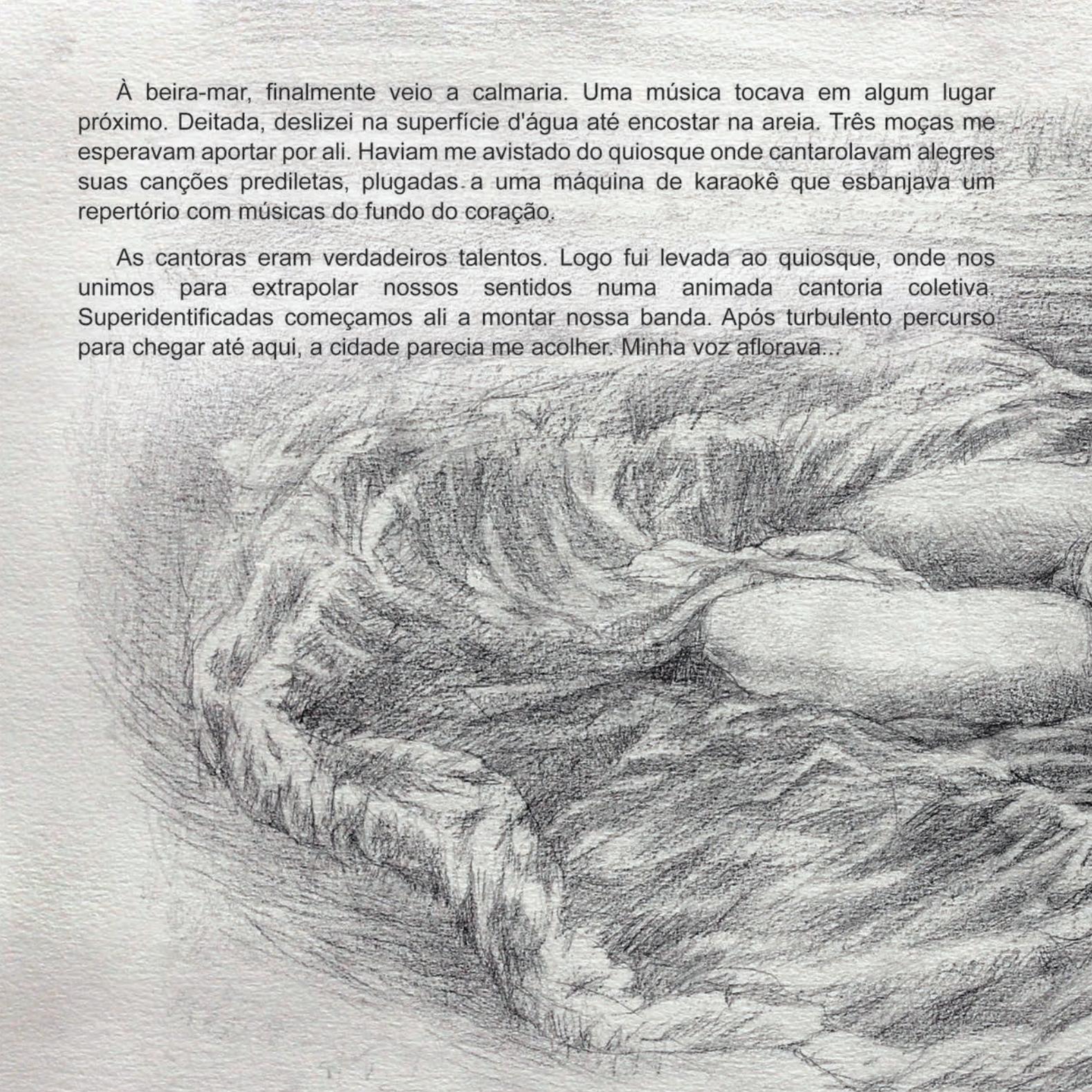
Mais uma vez em minha curta vida, fluí entregue aos elementos da natureza. Boiei a deriva atravessando rios e pororocas, me debatendo como as rabetas dos pescadores ribeirinhos. Uma semana se passou, onde tudo girou se liquidificando no turbilhão da ressaca amazônica.

Acordei com as pancadas das ondas que me arremessavam nas sólidas areias de Magé, no fundo da Baía de Guanabara.

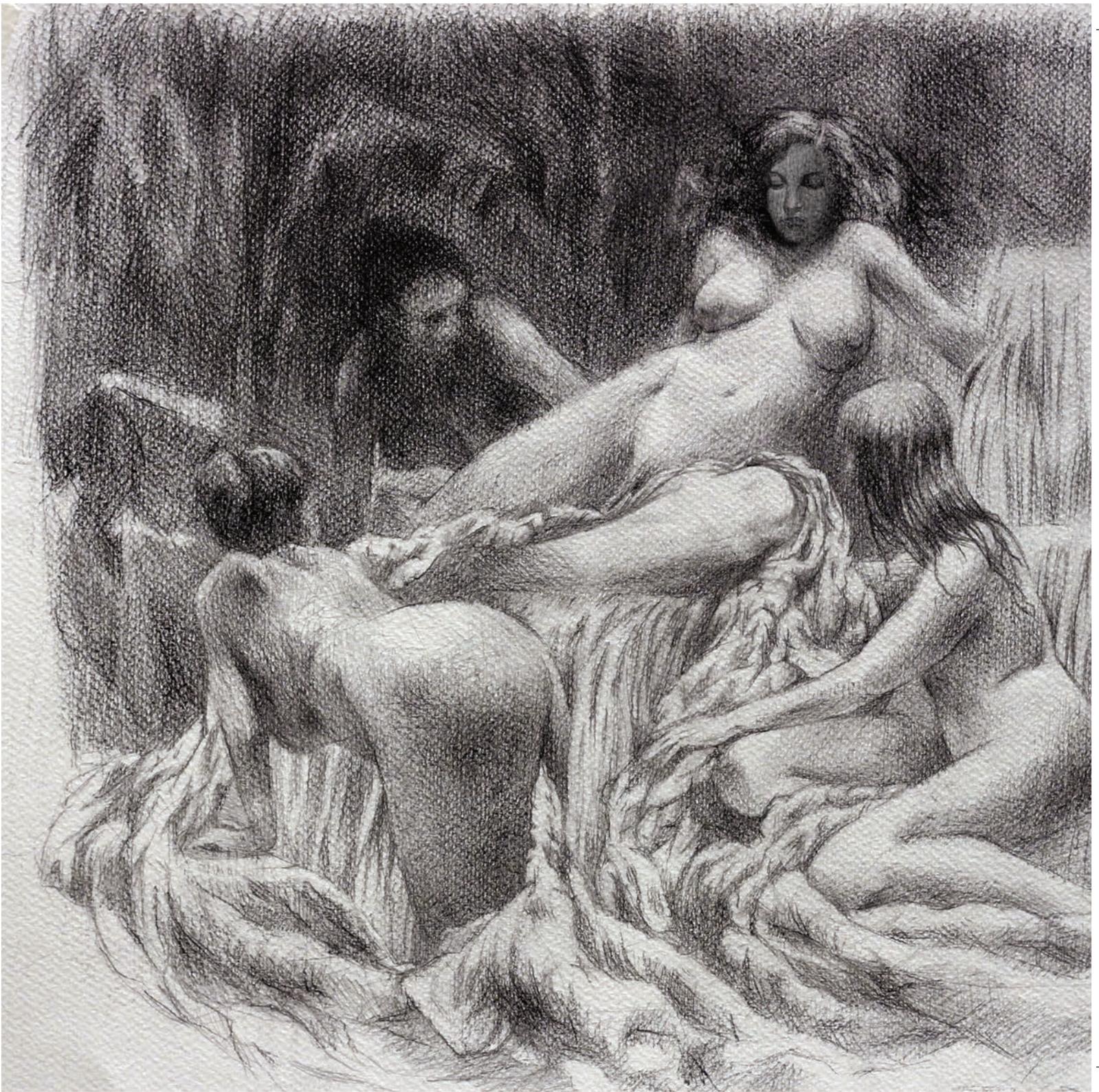


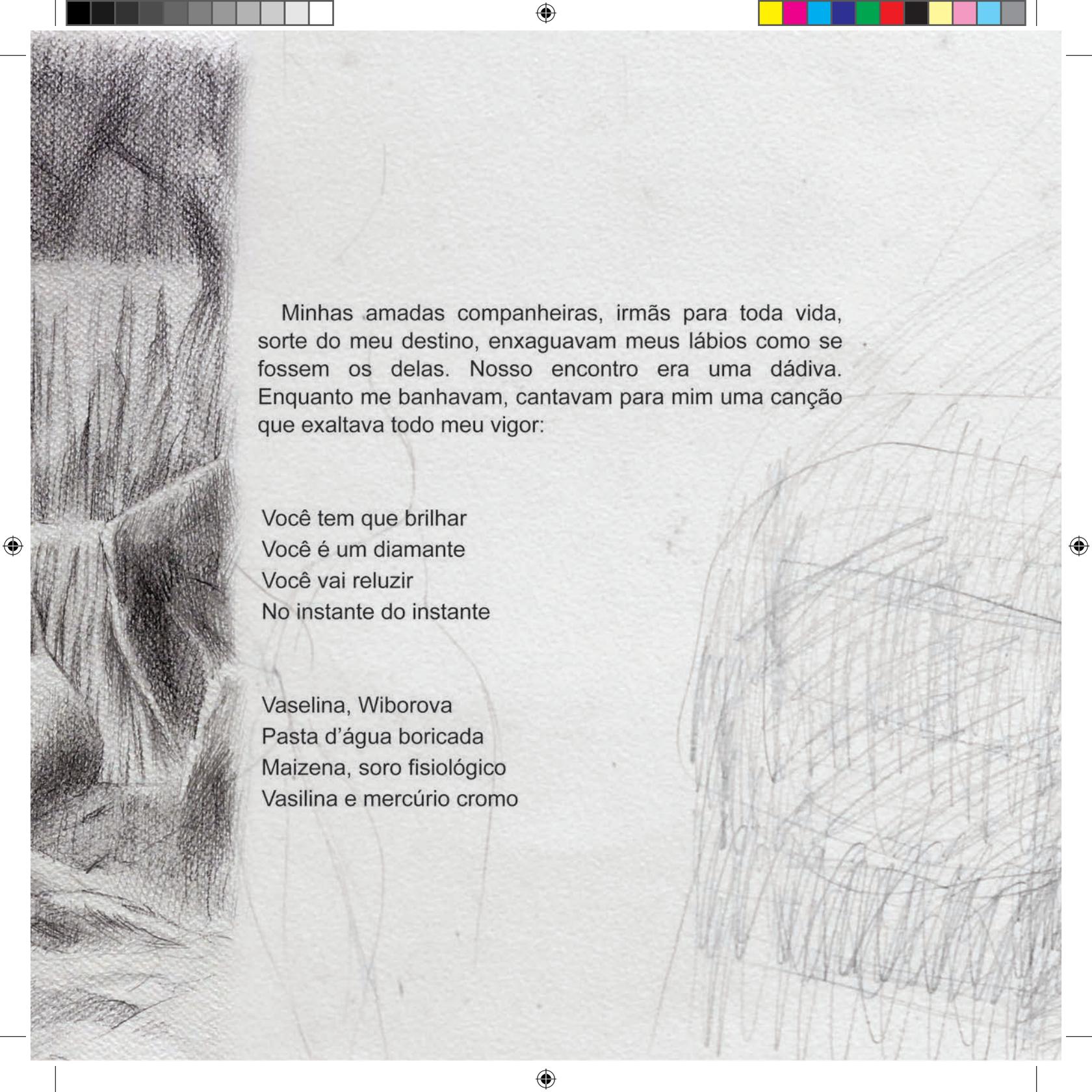
À beira-mar, finalmente veio a calmaria. Uma música tocava em algum lugar próximo. Deitada, deslizei na superfície d'água até encostar na areia. Três moças me esperavam aportar por ali. Haviam me avistado do quiosque onde cantarolavam alegres suas canções prediletas, plugadas a uma máquina de karaokê que esbanjava um repertório com músicas do fundo do coração.

As cantoras eram verdadeiros talentos. Logo fui levada ao quiosque, onde nos unimos para extrapolar nossos sentidos numa animada cantoria coletiva. Superidentificadas começamos ali a montar nossa banda. Após turbulento percurso para chegar até aqui, a cidade parecia me acolher. Minha voz aflorava...





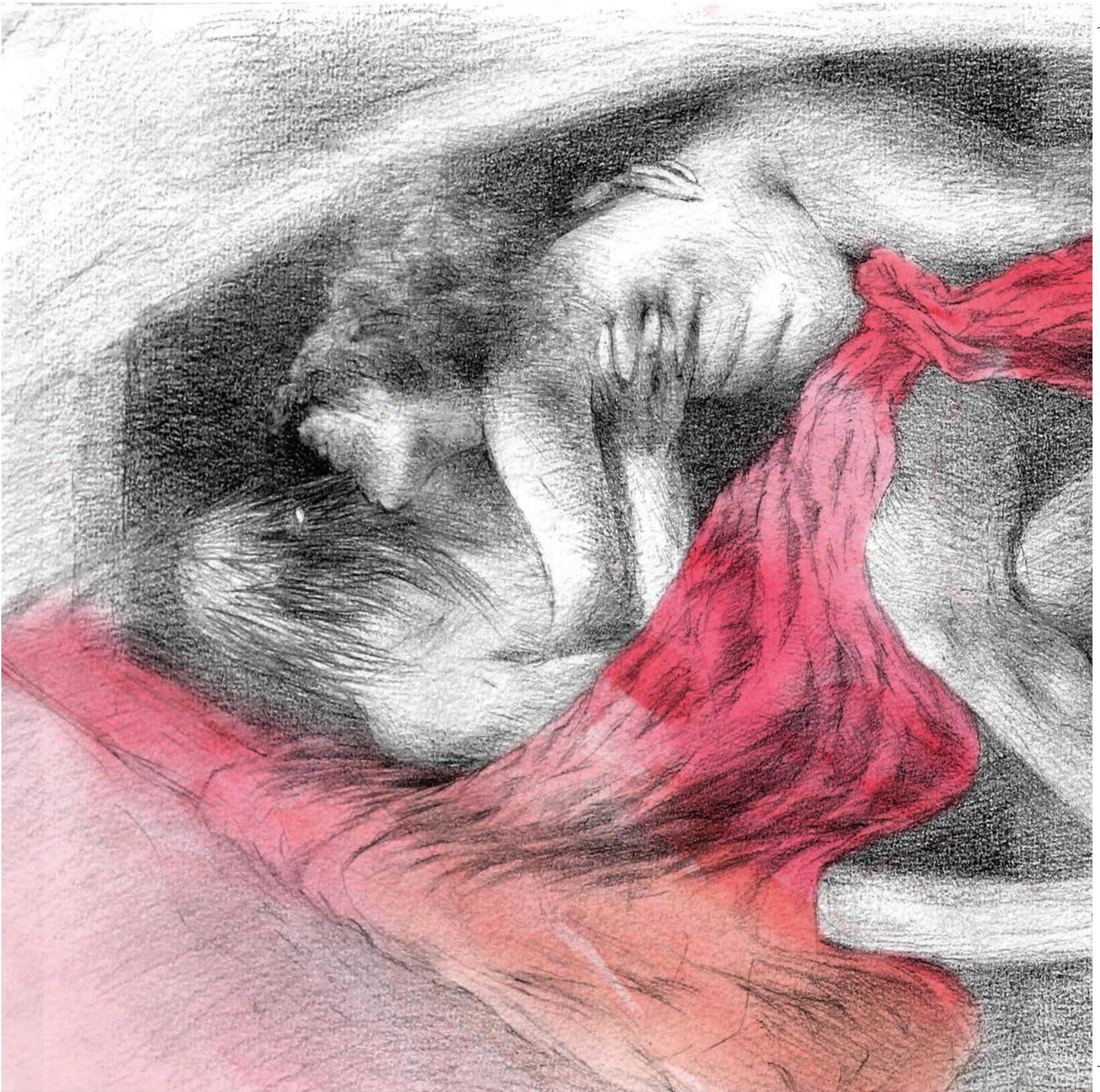




Minhas amadas companheiras, irmãs para toda vida,
sorte do meu destino, enxaguavam meus lábios como se
fossem os delas. Nosso encontro era uma dádiva.
Enquanto me banhavam, cantavam para mim uma canção
que exaltava todo meu vigor:

Você tem que brilhar
Você é um diamante
Você vai reluzir
No instante do instante

Vaselina, Wiborova
Pasta d'água boricada
Maizena, soro fisiológico
Vasilina e mercúrio cromo





Meu grande amor é um homem lobo.
Um lobisomem cantor americano que
fazia um tremendo sucesso internacional.

A primeira vez que o vi foi num
pôster promocional, lindo como só
ele podia ser, posando estiloso numa
foto, vestindo um boné que me fazia
suspirar e ter calafrios na barriga.

Sua pelugem comprida, negra,
estonteante... sua voz
macia que me invadia
e aquecia o corpo,
inflando meus
pulmões de ar
quente...

Ainda hoje
não sei se era sonho
ou realidade, porém tenho
lembranças claras de nós dois
embrenhados na selva de suas
cabeleiras, deixando soar gemidos
primitivos enquanto carícias efervescentes
deslizavam em nossos poros.
Ele me inspirava a cantar cada vez mais.
Eram beijos infinitos e abraços sem tosa.



Minha estrela sempre quis brilhar. Era chegada a hora. Reuni minhas três amigas de karaokê, batizadas carinhosamente de Apliquetes, para ensaiarmos uma apresentação. Seria minha estréia nos palcos. Meu primeiro e tão esperado show!

Subi no pequeno praticável, instalado no fundo do salão de festas do clube Atlético Mageense, sentindo uma força vital que borbulhava por dentro. Uma luz intensa brilhava saindo de meus olhos, como se fossem dois faróis apontando para o futuro.

Minha estréia foi arrebatadora. A partir desse dia todos passariam a me chamar de Aplique de Carne.



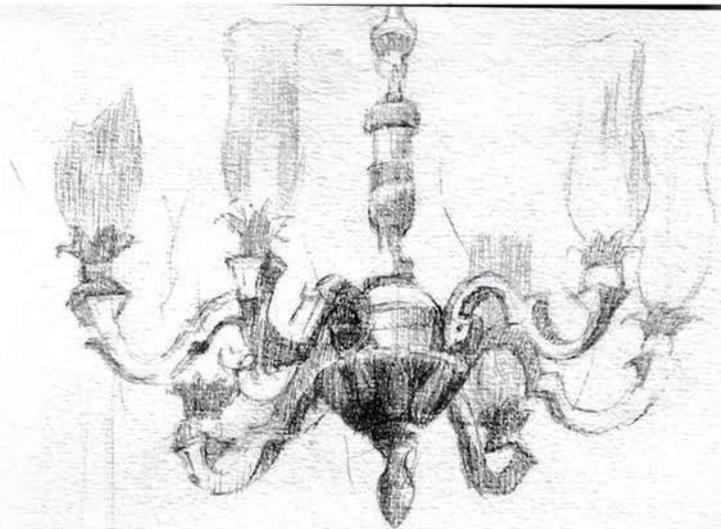




Um sonho me perseguia frequentemente, me perturbando e me apетecendo ao mesmo tempo. No estado mais profundo do meu sono, eu me transformava na boneca Eva, uma gigante boneca deitada no pátio de um parque de diversões. Pessoas curiosas me entravam através de meus orifícios de grande escala. Havia um passeio dentro de mim, onde os visitantes entravam em contato com meus órgãos, entendendo o funcionamento do meu organismo. Chegando no útero, era possível observar um feto sendo gestado: uma pequena arraia peluda, fruto do encontro fervoroso entre eu e meu homem lobo.



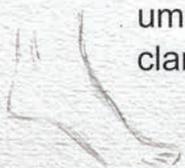


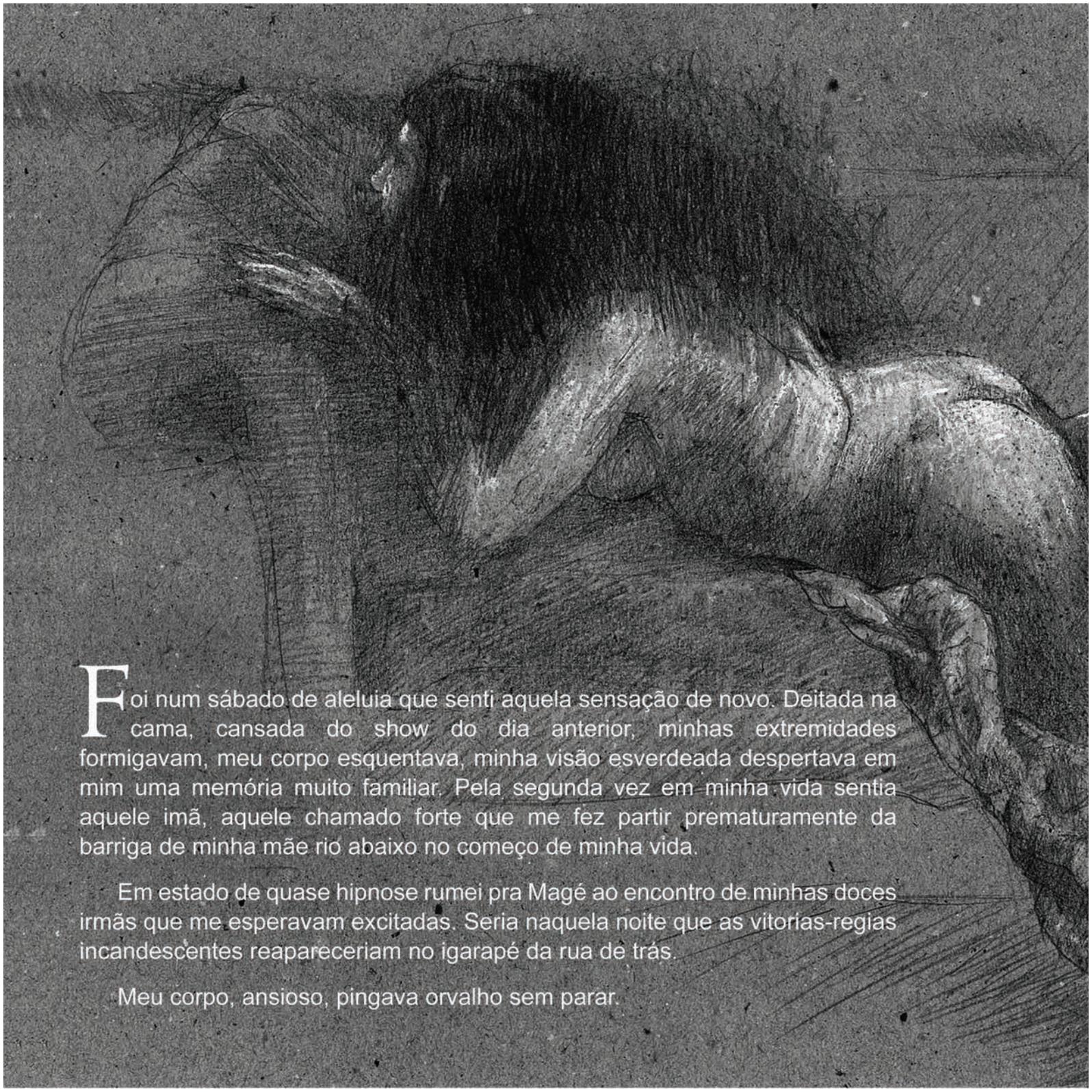


O sucesso chegou para mim na velocidade de um relâmpago e na altura de sua trovoada. Foi uma decolagem voluptuosa mirando e alcançando a glória. Um verdadeiro estrondo.

Estive no topo das paradas. Me tornei uma rainha pop, uma diva onipresente com presença garantida em todos os canais de televisão.

Minha vida virou roteiro de cinema. Meu show, tocado em cima de uma preguiça gigante, era a voz das novas gerações. O público clamava por mim.





Foi num sábado de aleluia que senti aquela sensação de novo. Deitada na cama, cansada do show do dia anterior, minhas extremidades formigavam, meu corpo esquentava, minha visão esverdeada despertava em mim uma memória muito familiar. Pela segunda vez em minha vida sentia aquele imã, aquele chamado forte que me fez partir prematuramente da barriga de minha mãe rio abaixo no começo de minha vida.

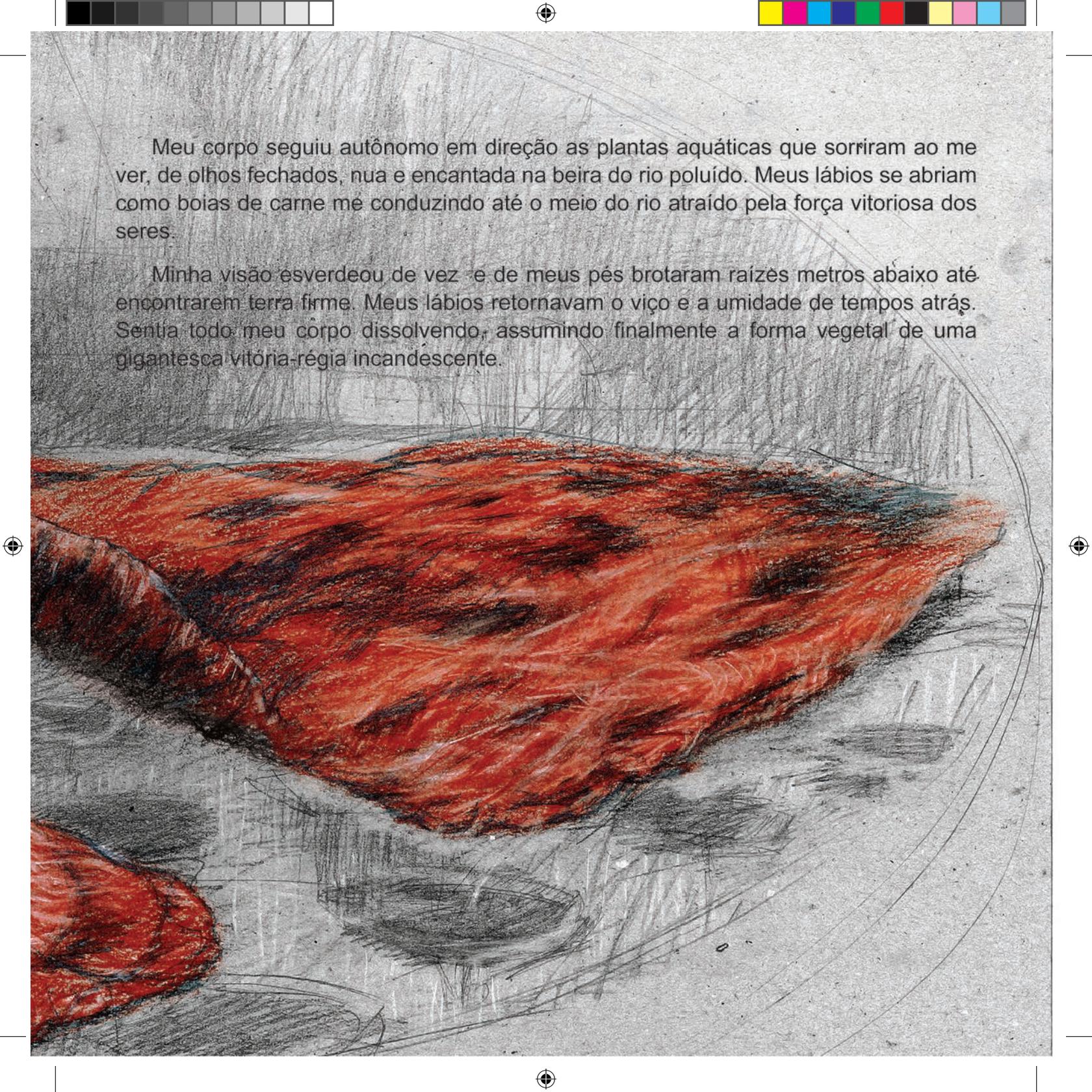
Em estado de quase hipnose rumei pra Magé ao encontro de minhas doces irmãs que me esperavam excitadas. Seria naquela noite que as vitorias-regias incandescentes reapareceriam no igarapé da rua de trás.

Meu corpo, ansioso, pingava orvalho sem parar.









Meu corpo seguiu autônomo em direção as plantas aquáticas que sorriram ao me ver, de olhos fechados, nua e encantada na beira do rio poluído. Meus lábios se abriam como boias de carne me conduzindo até o meio do rio atraído pela força vitoriosa dos seres.

Minha visão esverdeou de vez e de meus pés brotaram raízes metros abaixo até encontrarem terra firme. Meus lábios retornavam o viço e a umidade de tempos atrás. Sentia todo meu corpo dissolvendo, assumindo finalmente a forma vegetal de uma gigantesca vitória-régia incandescente.

Este livro integra o espetáculo / instalação
APLIQUE DE CARNE

Projeto contemplado pelo Prêmio Funarte de Arte
Contemporânea 2012 - Galpão 5 - Funarte MG
ISBN: 978-85-7920-125-7

Projeto: Alexandre Vogler, Botika e Paulo Tiefertalder
Roteiro: Alexandre Vogler, Botika, Guga Ferraz e
Paulo Tiefertalder
Produtora: Ana Maria Bonjour

Elenco

Aplique de Carne: Nana Carneiro da Cunha
Apliquetes: Amora Pêra, Botika e Flavia Belchior
Namorado: Guga Ferraz

Instalação: Alexandre Vogler e Guga Ferraz
Vídeo/ Foto: Alexandre Vogler e Paulo Tiefertalder

Livro

Texto: Botika
Contribuíram para o texto: Alexandre Vogler (páginas
7, 24 e 27) e Ana Maria Bonjour (página 11)
Ilustração: Alexandre Vogler
Design: Marcia Baldissara

Produtor Musical: Emiliano 7 / Garimpo Estúdio
Trilha Sonora: Alexandre Vogler, Botika, Emiliano
Sette, Guga Ferraz, Pedro Lago,
Nana Carneiro da Cunha e Paulo Tiefertalder
Narrações: Nana Carneiro da Cunha e Alice Penafiel
Músicos: Bernardo Botkay, Emiliano 7, Flavia Belchior,
Nana Carneiro da Cunha e Guga Ferraz
Gravação, Mixagem e Materização: Emiliano 7

Furgurino: Bruna Lobo
Iluminador: Alessandro Boschini
Maquiagem: Manuela Monteiro

Realização: BONJOUR PROJETOS DE CULTURA

Presidenta da República

Dilma Vana Rousseff

Ministra de Estado da Cultura

Marta Suplicy

Fundação Nacional de Artes

Presidente

Antonio Grassi

Diretora Executiva

Myriam Lewin

Diretor do Centro de Artes Visuais

Francisco de Assis Chaves Bastos (Xico Chaves)

Coordenadora do Centro de Artes Visuais

Andréa Luiza Paes

**Coordenador do Prêmio Funarte de
Arte Contemporânea 2012**

Galpão 5 – Funarte MG

Carlito Rodrigues

Coordenadora de Comunicação

Camilla Pereira

Representação Regional da Funarte MG

Coordenadora

Mirian Lott

Equipe Técnica

Letícia Duarte - comunicação

Luciane Goldstein – administração cultural



